ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

AS FORMAS DE PERCEPÇÃO DA ALTERIDADE: UMA ANÁLISE DA NOÇÃO DE *ESTRANGEIRO*

The perception means of the otherness: An analysis of the concept of foreigner

Bianca Cavichia Desidério,
Rita de Cássia Pacheco Limberti[i]
Universidade Federal da Grande Dourados

Resumo: O trabalho pretende desenvolver uma reflexão teórica, com base, sobretudo, no viés sociossemiótico de Eric Landowski, sobre o conceito de estrangeiro e sua relação com as diferentes formas de articulação possíveis da relação entre um Nós e o seu Outro. Tratando da noção de estrangeiro, buscar-se-á abordar também os processos de identificação que um sujeito, que se considera parte de um grupo de referência (isto é, um nós), do qual os valores e configurações culturais são tidos por ele como universais, constrói para seu dessemelhante (para o Outro, o estrangeiro). Percebe-se que, mais do que "aquele que é de outro país, que é proveniente, característico de outra nação", o conceito de estrangeiro dá espaço, aqui, a uma discussão mais complexa, a qual envolve uma grande variedade de práticas identitárias (e, consequentemente, discursivas). O tema proposto para este artigo mostra-se relevante, uma vez que a reflexão centrada na noção de estrangeiro surge como uma abertura de espaço ao questionamento de um dos inúmeros segmentos da identidade. Com o fim de atender à discussão das questões aqui propostas, este trabalho buscará suporte teórico, principalmente, em autores como Eric Landowski, Julien Algirdas Greimas e Diana Luz Pessoa de Barros.

Palavras-chave: Semiótica. Identidade. Estrangeiro.

Abstract: This article intends to unfold a theoretic contemplation, based, mainly, on Eric Landowski's social semiotics, about the concept of foreigner and its relation to the different forms of articulation in the relationship between an Us and its Other. Dealing with the idea of foreigner, we will approach, as well, the identification processes which an individual, who considers himself part of a reference group (that is, an Us), from which the values and cultural configurations are considered by him as universal, builds for his dissimilar (for the Other, the foreigner). It is noticeable that, more than "a person from another country, who is originally from a different nation", the concept of foreigner allows the development of a much more complex discussion, which involves a great variety of identity practices (and, therefore, discursive practices as well). The theme proposed in this paperwork has its relevance since the reflection centered on the concept of foreigner gives the possibility to questioning one of the many different segments of the identity. In view to discuss the proposed issues, this article will be based, mainly, on the theoretical work of authors such as Eric Landowski, Julien Algirdas Greimas and Diana Luz Pessoa de Barros.

Keywords: Semiotics. Identity. Foreigner.

Definições à parte, façamos um outro percurso

No dicionário (HOUAISS, 2001), o conceito de *estrangeiro* é colocado da seguinte maneira: "1. (Adj e subs. masc.) Que ou o que é de outro país, que ou o que é proveniente, característico de outra nação; 2. (Subs. masc.) Indivíduo de nacionalidade diversa daquele país onde se encontra ou vive." Definições à parte, o conceito de *estrangeiro*, se contemplado pelo viés da Semiótica, ultrapassa os limites dos dicionários, à medida que estabelece um inevitável vínculo com as relações intrasubjetivas e intersubjetivas que atravessam toda e qualquer interação entre sujeitos.

A proposta deste artigo é, justamente, fazer um outro percurso de análise para o termo *estrangeiro*, que não o de uma mera definição ontológica. A Semiótica, nesse sentido, surge para traçar esse "outro percurso". Sobretudo a sociossemiótica de Eric Landowski (bem como outras vertentes da semiótica, como a *das paixões*, de Algirdas Julien Greimas e Jacques Fontanille) oferece meios para que a produção e a apreensão dos sentidos possam ser analisadas sem deixar de ceder um lugar ao sensível. Em Landowski, o sentido é descrito no ato, seja nas experiências individuais, seja nas práticas sociais cotidianas, as quais envolvem inevitavelmente os elementos afetivos e sensíveis.

O tema proposto para este artigo mostra-se relevante, uma vez que a reflexão centrada na noção de *estrangeiro* surge como uma possibilidade para a abertura de espaço ao questionamento de um dos inúmeros segmentos da identidade. Mais do que "aquele que é de outro país, que é proveniente, característico de outra nação", o conceito de *estrangeiro* dá espaço, aqui, a uma discussão mais complexa, a qual envolve uma grande variedade de práticas identitárias (e, consequentemente, discursivas). Com isso em mente, o presente artigo buscará trazer ao leitor algumas das questões que são evocadas a partir de uma análise mais atenta – e direcionada – desta noção, tais quais: a relação entre o conceito de *estrangeiro* e as citadas formas de percepção da alteridade; a maneira como este conceito é perpassado pelas relações de poder; o(s) percurso(s) que a Semiótica oferece para o exame da ideia de *estrangeiro*; as assimetrias (sociais, étnicas, políticas) da identidade, provenientes do contato intercultural. Será, portanto, crucial ao desenvolvimento de tais reflexões a realização de um gradativo percurso de análise, que passa pelo âmago do sujeito, pela ideologia e, consequentemente, pela linguagem e pelo discurso. É importante destacar que este texto servirá como um espaço dialógico que visa ao levantamento e discussão das questões acima colocadas, e não necessariamente à sua resolução.

A Identidade em situação de interação: um espaço de assimetrias

A identidade é sempre negociada (RAMALHO; RIBEIRO, 2001, p. 12)

Antes de adentrar uma análise mais detida da noção de *estrangeiro*, convém delinear um breve panorama a respeito da identidade em situação de contato intercultural, uma vez que, "a partir do contato intercultural, a identidade passa a possuir vários tipos de assimetrias: étnicas, sociais, políticas, que se hierarquizam segundo seu grau de legitimidade" (LIMBERTI, 2008, p. 12). É este, precisamente, o foco do presente artigo: observar o contexto de surgimento de tais assimetrias, bem como sua relevância para o reconhecimento do Outro, para a construção – pelo *Um*, o *Nós* – da imagem do *estrangeiro*.

Falar sobre a identidade em situação de contato implica abordar um sujeito ideológico, o qual é parte de um determinado *campo de criatividade ideológico* (BAKHTIN, 2009, p. 33). As concepções de sujeito e de identidade passaram por fases diversas – cada qual influenciada pelo pensamento vigente em cada período –, caracterizando-se, assim, como *concepções mutantes* (HALL, 2006, p. 23). Desde a visão cartesiana, passando por uma noção mais sociológica, a noção de sujeito, e, por conseguinte, de identidade, chegou a um ponto crucial: ela agora se encontra *deslocada* (*Ibidem*), ou seja, a noção de sujeito está, cada vez mais, fragmentada, descentrada. Tal fragmentação decorreu, sobretudo, das transformações nas configurações das estruturas sociais e nas novas formas de articulação entre estas e um sujeito que passou a revelar-se atravessado por uma instabilidade que lhe é, reconhecidamente, constitutiva. O sujeito resultante de tais transformações não se constitui somente de uma identidade fixa, unificada e estável; ele é, na realidade, a soma de várias identidades (muitas vezes contraditórias), de diversas vozes, as quais o atravessam e o tornam uma construção simbólica. Cancline (2008, p. XXIII) fala sobre esse caráter simbólico da identidade quando afirma que "[...] não é possível falar das identidades como se se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-las como a essência de uma etnia ou de uma nação".

Levando em consideração o que bem afirma Cancline, enxergar a identidade pela lente de uma perspectiva purista significa desconsiderar toda uma história de misturas, todas as combinações que se dão em seu processo de constituição. Combinam-se elementos de diferentes épocas, de diferentes espaços, fato que caracteriza a essência *relativamente* estável da identidade, e que a transforma em algo mais do que somente um conjunto

de traços fixos que definiriam um sujeito, mas que a transforma, sobretudo, nessa construção simbólica. A identidade, vista como construção simbólica, é perpassada e constituída por relações de alteridade, nas quais o confronto entre traços característicos, entre vozes diversas, gera relações assimétricas, desmistificando a ideia de identidades "puras" e "autênticas".

As assimetrias emergentes do contato entre identidades, no entanto, são marcadas por formas diversificadas de percepção desta alteridade, ou seja, da(s) identidade(s) de outrem. Essas formas estão calcadas em posições sociais e ideológicas, e se evidenciam através dos revestimentos semânticos que não cessam de atribuir sentidos ao Outro, ao Ele, e os quais transbordam pelos contornos do discurso.

Para adentrar, agora, a questão da construção semiótica das representações que o Um reserva ao seu dessemelhante, é válido fechar este tópico com uma impressão de Boaventura de Souza Santos (2001, p. 35) acerca da relação de pressuposição recíproca entre identidade e alteridade, isto é, entre o mesmo e o diferente:

> O desafio é, em meu entender, o de encontrar uma dosagem equilibrada de homogeneidade e fragmentação, já que não há identidade sem diferença e a diferença pressupõe uma certa homogeneidade que permite identificar o que é diferente nas diferenças.

A diferença, como se pode observar pelo fragmento acima, é a condição de existência da identidade, e, consequentemente, do próprio sujeito. Ela é um constructo sempre negociado na interação, e possui, obviamente, certas marcas que a identificam como tal. As formas de reconhecimento e posicionamento frente a essas marcas, contudo, nem sempre se desenrolam de maneira equilibrada, uma vez que entram em jogo relações de poder que acabam por criar assimetrias que irão ditar o relacionamento com a alteridade.

A diferença como condição de existência

O que eu sou é o que você não é (LANDOWSKI, 2002, p. 25)

A existência de um sujeito é condicionada pela relação que ele estabelece com o Outro. Melhor dizendo, é condicionada por aquilo que o distingue do Outro, que o coloca em uma situação de oposição ao Outro, e que o identifica como o Eu, ou o Um. No Dicionário de Semiótica (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 251), vê-se que o conceito de identidade opõe-se ao de alteridade, e que "[...] esse par é interdefinível pela relação de pressuposição recíproca, e é indispensável para fundamentar a

estrutura elementar da significação". Ou seja, é no jogo da interação, da comunicação (e, por conseguinte, da manipulação) que os sentidos que atravessam cada sujeito – e que o identificam – emergem, cristalizando-se na linguagem e no discurso.

Nota-se que as diferenças são fundamentais à construção da autoimagem do sujeito. Ao colocar-se frente ao Outro, o sujeito (o Eu, ou o Um) reconhece certas diferenças as quais ele usará como base para identificar-se a si mesmo. O Eu constrói sua imagem calcado em uma tensão que nasce das inúmeras diferenças culturais, étnicas, políticas, existentes entre os grupos sociais. Esta parece ser a regra da interação: o *conflito*[1]. Ora, se o jogo da interação estivesse fundado em uma completa harmonização, as relações entre sujeitos repousariam sobre a neutralidade. Não haveria, assim, a tensão que move todo e qualquer contato, e a qual dá existência semiótica ao sujeito. Assim, "para que o mundo faça sentido e seja analisável enquanto tal, é preciso que ele nos apareça como um universo articulado [...]" (LANDOWSKI, 2002, p. 3).

Segundo Landowski (2002, p. 4), "condenado, aparentemente, a só poder construir-se pela diferença, o sujeito tem a necessidade de um ele – dos "outros" (eles) – para chegar à existência semiótica". Nesse ponto, o diálogo com Mikhail Bakhtin fica claro, à medida que o russo já afirmara que "ser significa ser para o outro, e, através dele, para si" (2003, p. 341); ou seja, identificar, perceber o Outro é o caminho para a autoidentificação desse sujeito que (consciente ou inconscientemente) projeta sua própria imagem a partir de uma alteridade a ser construída. A maneira como o sujeito percebe este Outro, no entanto, pode ser marcada por práticas diversas, como, por exemplo, a prática de reduzir o dessemelhante – o *estrangeiro* – a uma posição de pura exterioridade, como se as nuances culturais que os diferem daquilo que é considerado "padrão" não passassem de um exotismo. É, portanto, na intersecção dessa instável relação que emerge a oportunidade de se averiguar as várias percepções, os caminhos segundo os quais o Nós constrói seu mundo em torno do Outro.

Trazendo esta discussão para a análise da noção de *estrangeiro*, é possível observar em Landowski (*Ibidem*) um interessante exame das formas de percepção da alteridade construídas entre sujeitos e seus modos de articulação, que resultam na atribuição desse status ao dessemelhante, isto é, ao Outro. Tais modos de articulação, ainda para este autor, são: a

[1] A palavra conflito está empregada no sentido de "oposição", e envolve as lutas de classes que acontecem dentro das esferas ideológicas da atividade humana.

exclusão, a *segregação*, a *admissão* e a *assimilação*. É sobre este assunto que recairá nosso olhar no tópico seguinte.

A constituição do *estrangeiro* pelos caminhos da manipulação

Retomando o que foi dito, a atribuição do status de *estrangeiro* a um grupo, ou a um indivíduo, depende absolutamente da imagem, da identidade que um outro grupo, ou que um outro indivíduo, constrói para si próprio. É nesse sentido que Landowski (*Ibidem*, p. 4) afirma que "a emergência do sentimento de 'identidade' parece passar necessariamente pela intermediação de uma 'alteridade' a ser construída". Essa atribuição é baseada em uma análise (a qual é, muitas vezes, apoiada em preconceitos) dos modos de ser do Outro; modos que, colocados em oposição com os modos de ser do grupo dominante, explicitarão certas diferenças que servirão de base para a rotulação do dessemelhante como o *estrangeiro*.

O sujeito (seja ele individual, seja ele coletivo) lança mão de algumas estratégias para configurar sua identidade. Estas estratégias consistem basicamente em formas de apreensão e figuratização dos modos de ser do Outro, atribuindo, dessa maneira, certos sentidos – e rótulos – à alteridade. Landowski (2002), em análise dos processos de identificação, discorre acerca do regime de alteridade do não-si, ou seja, do regime segundo o qual os sujeitos se identificam reciprocamente. Trata-se de um regime de sentido da ordem do contato, que se dá somente na co-presença dos actantes em interação; interação que cria, em si mesma, sentidos. É a partir desse contato que surgem diferentes modos de articulação entre o Um e o Outro, tais quais: a *assimilação*, a *admissão*, a *segregação* e a *exclusão*.

A *assimilação*, a *admissão*, a *segregação* e a *exclusão* são formas diferentes de lidar com a presença do Outro, e apresentam distintos graus de instabilidade. Elas dividem uma principal característica comum: são práticas que se cristalizam no discurso, que ganham vida por meio da linguagem. Outra característica compartilhada por essas quatro formas de percepção e convívio com a alteridade é o fato de se configurarem, acima de tudo, como formas de manipulação. No Dicionário de Semiótica (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 300), a manipulação é explicada da seguinte forma:

> Ao contrário da operação (enquanto ação do homem sobre as coisas), a manipulação caracteriza-se como uma ação do homem sobre outros homens, visando fazê-los executar um programa dado [...]. Enquanto configuração discursiva, a manipulação é sustentada por uma estrutura contractual e ao mesmo tempo por uma estrutura modal. Trata-se, com efeito, de uma comunicação na qual o destinador-manipulador impele

> o destinatário-manipulado a uma posição de falta de liberdade, a ponto de ser obrigado a aceitar o contrato proposto.

Através da manipulação, o grupo dominante, ao entrar em contato com seu destinatário (o seu dessemelhante), reconhece-lhe suas diferenças e, baseado nessas nuances culturais, étnicas, políticas, o impele, através de um fazer persuasivo, a aceitar uma espécie de contrato, a partir do qual o dessemelhante transformará seus modos de ser, moldando-se – em diferentes graus – às configurações do seu manipulador (o grupo de referência).

As formas de relação entre identidade e alteridade

Passando agora às maneiras pelas quais a transformação/modalização dos modos de ser do Outro se dá, tem-se, em um primeiro momento, a *assimilação*, a qual é explicada por Landowski (2002, p. 6):

> Assimilador, o grupo dominante não rejeita ninguém, e se pretende, ao contrário, por princípio, generoso, acolhedor, aberto para o que vem de fora. Porém, ao mesmo tempo, toda diferença de comportamento um pouco marcada, pela qual o estrangeiro trai sua proveniência, parece, para ele, extravagância despida de razão.

A postura assimiladora (o discurso assimilador) é uma postura de rejeição, que se esconde por detrás de uma falsa aceitação, do Outro; uma aceitação que impõe ao dessemelhante certas regras para sua conjunção às configurações culturais dominantes e apresentadas como universais. Para o grupo assimilador, toda e qualquer diferença de comportamento – por mais sutil que seja – é percebida como extravagância despida de razão, como um mero exotismo.

Outra atitude para com o Outro que, até certo ponto, se opõe à assimilação, é a *exclusão*, a qual visa à negação explícita do Outro. Aqui, ao contrário, o Eu (Nós) não recorre a subterfúgios que possam vir a justificar qualquer animosidade, qualquer incômodo com a presença do dessemelhante. A rejeição se despe de qualquer desculpa esfarrapada, e direciona-se à eliminação das diferenças. Trata-se, pois, de "um gesto explicitamente passional que tende à negação do Outro enquanto tal" (*Ibidem*, p. 9). Vale apontar que a exclusão se opõe à assimilação somente até certo ponto, pois ambas procedem do mesmo motivo, sendo assim partes complementares de uma mesma operação: tanto a paixão de excluir quanto a determinação de assimilar partem do propósito de padronização do Outro, e sua modalização em um Mesmo.

A *admissão*, por outro lado, mostra-se como um regime de interação semiótica que visa aos valores da diversidade, os valores divisíveis, à medida que favorece a aproximação de identidades distintas. Tal atitude manifesta-se por meio de um discurso que "busca integrar o Outro ao Nós, sem que ele perca sua identidade" (LIMBERTI, 2009, p. 16). Por fim, tem-se a *segregação*. A segregação é um dispositivo que seria uma espécie de meio-termo da *exclusão*, afinal não possui a finalidade incisiva da exclusão, mas visa, de qualquer forma, à manutenção das diferenças sem que haja contato, sem que haja misturas.

Percebe-se por essa breve explicação que é possível separar estas *quatro tendências*[2] da relação do Um para com o Outro (com o Eles), com base tanto na afinidade que se estabelece entre suas respectivas práticas, quanto na semelhança entre seus diferentes projetos (ou trajetos) de manipulação.

Primeiramente, nota-se que a *assimilação* e a *exclusão* se caracterizam como atitudes semelhantes, afinal estão fundadas sobre os mesmos preconceitos. Na obra *Presenças do Outro*, Eric Landowski (*Ibidem*, p. 10) sintetiza com excelência a maneira como estas duas articulações entre o Um e o Outro se aproximam:

> Como se vê, assimilação e exclusão não passam, em definitivo, das duas faces de uma única e mesma resposta à demanda de reconhecimento do dessemelhante: "Tal como se apresenta, você não tem lugar entre nós".

Em ambos os movimentos, observa-se o não reconhecimento da Alteridade, pois ou se exclui, ou se transforma o Outro no Mesmo. São posturas que se ancoram no valor de unidade e que, mais fortemente, marcam o dessemelhante como o *estrangeiro*, como uma incômoda alteridade que àquele lugar, e àquela configuração ideológica e cultural, não pertence (a não ser, é claro, que se livre de toda e qualquer "esquisitice" que venha a identificá-lo como sendo *diferente*). Aqui, a preservação de uma suposta pureza original do Eu (Nós) é o que move as práticas de assimilação e de exclusão para a constante busca de um condicionamento de inserção e transformação da alteridade em uma mesmidade.

[2] Vale ressaltar que a *alteridade* também apresenta formas específicas de resposta em relação à identidade do *Um*, desse *Eu* que se autoatribui valores universais. Landowski fala sobre o *esnobe*, o *dândi*, o *camaleão* e o *urso*, que se referem às possíveis figuras que emergem na interação, e as quais dão formas à identidade do Outro. Para este texto, no entanto, interessam somente as formas de percepção que o grupo de referência reserva ao seu dessemelhante.

Nos casos da *admissão* e da *segregação*, o laço que as conecta uma à outra é o fato de serem formas menos passionais de reconhecimento e manutenção das diferenças. A *segregação*, por exemplo, por mais que se caracterize como uma maneira de afastamento e administração das diferenças à distância (distância do grupo de referência), não possui aquele objetivo unívoco partilhado pela *assimilação* e a *exclusão*. Ambas – a *admissão* e a *segregação* – são, portanto, práticas que em certa medida resistem a uma completa e passional *laminagem*[3] das diferenças.

Com relação aos projetos (aos trajetos) de manipulação através dos quais cada uma destas quatro práticas opera no que concerne à relação com o Outro, tem-se o seguinte quadro:

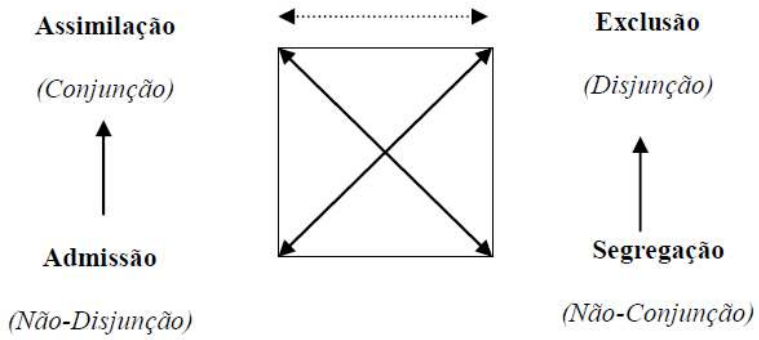


Fig. 1: Quadrado semiótico

A figura acima traçada corresponde a um *quadrado semiótico*, ou seja, "uma representação visual da articulação lógica de uma categoria semântica qualquer" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 400), que representa as condições de existência e de produção da significação. No quadrado aqui traçado, pode-se ver uma representação da relação de junção que une o sujeito (nesse caso, o dessemelhante, a alteridade, isto é, o *estrangeiro*) ao objeto-valor (o qual, aqui, se trata da identidade da cultura dominante). Assim, nos projetos de *assimilação* e de *exclusão* vemos conjunção e disjunção, respectivamente, totais entre identidade e alteridade, enquanto nos casos da *admissão* e da *segregação* não ocorre nem conjunção nem disjunção totais entre identidade e alteridade.

Na *assimilação*, o sujeito, ao modalizar-se suficientemente para que todo o seu exotismo deixe de ser impertinente aos padrões culturais do grupo de referência, entra em *conjunção* com os modos de ser desse grupo, nunca deixando, no entanto, de ser reconhecido como um *estrangeiro*.

[3] Termo utilizado por Landowski (2002, p.21), referindo-se a um movimento de "redução do múltiplo e do diverso ao uno e ao uniforme".

Nesse caso, são depositados valores positivos sobre o objeto (a identidade de referência). Já nas práticas de *exclusão*, a identidade de referência esforça-se para manter-se perfeitamente (ou, supostamente) homogênea e, por isso, coloca o dessemelhante em uma posição de completa distância, de *disjunção* total em relação às suas práticas socioculturais.

Os dispositivos segregativos, por outro lado, assumem a instável posição de *não-conjunção*. Segundo Landowski (*Ibidem*, p. 17) as atitudes segregativas promovem uma relação, entre dessemelhante e identidade dominante, menos *disjuntiva* do que no caso da *exclusão*, mantendo, contudo, as diferenças bem circunscritas para, então, manter uma mesmidade intacta. E a *admissão*, por fim, depende da *não-disjunção*, uma vez que preza os valores da diversidade, busca a aproximação de identidades distintas sem a intenção cega de tentar modalizar o Outro a ponto de ele "perder" aquelas características que o identificam como sendo parte da diferença. Trata-se, pois, de operações ambivalentes, que sucumbem à impossibilidade de assimilar e à recusa de excluir.

Os investimentos axiológicos para o termo *estrangeiro*

Até aqui o processo de projeção da imagem do *estrangeiro* foi relacionado às diferentes formas de percepção e convívio com a alteridade que, segundo Landowski, atravessam os processos de identificação (e de construção da imagem) do Outro. Observou-se, pois, que a atribuição do status de *estrangeiro* ao dessemelhante está calcada em investimentos semânticos que são, muitas vezes inconscientemente, depositados de maneira incessante na figura do dessemelhante, isto é, na figura do Outro.

Vale abrir agora um breve parêntese para o fato de que esses traços semânticos que o sujeito que se coloca como o Eu – como o detentor de configurações culturais supostamente universais – atribui àquele o qual julga ser seu dessemelhante são carregados de juízos de valor que lhe atravessam o corpo (aliás, que atravessam o corpo de qualquer sujeito no momento da comunicação), e que resultam de uma dimensão passional que está ligada ao seu estado de alma, que está ligada, finalmente, ao seu corpo.

Essa dimensão, denominada *tímica*, pode ser expressa em uma categoria semântica fundamental caracterizada por ser uma forma de oposição: é a oposição tímica entre a *euforia* e a *disforia*. A *euforia* é o termo positivo da categoria tímica, ao passo que a *disforia* é o termo negativo; aos dois soma-se, também, o termo neutro denominado *aforia*. Esses três termos tratam-se, com efeito, daqueles sentimentos positivos ou negativos

que atravessam o corpo do sujeito e que agem sobre seus juízos de valor, os quais foram mencionados antes; para semiótica greimasiana, aliás, a oposição entre esses sentimentos é a "raiz somática de nossos juízos de valor" (VOLLI, 2007, p. 131). A categoria tímica, por sua vez, relaciona-se com uma determinada posição do quadrado semiótico por intermédio de um modo chamado *axiologização* de uma dada categoria semântica do quadrado. Greimas & Courtés (2008, p. 48) explicam essa questão ao afirmarem que:

> [...] qualquer categoria semântica, representada no quadrado semiótico [...], é suscetível de ser axiologizada, mercê do investimento das dêixis positiva e negativa pela categoria tímica *euforia/disforia*. Tais axiologias (ou microssistemas de valores) podem ser abstratas (vida/morte) ou figurativas (os quatro elementos da natureza, por exemplo): na medida em que se lida aqui com categorias gerais – que, a título de hipótese de trabalho, se podem considerar como universais semânticos –, articuláveis sobre o quadrado semiótico, podem-se reconhecer **estruturas elementares** (de caráter abstrato) e **estruturas axiológicas figurativas**.

Voltando tais conceitos para a discussão aqui desenvolvida acerca da construção da imagem do *estrangeiro*, pode-se reconhecer a dimensão tímica desse processo expressa numa categoria semântica que é representada pela oposição *estrangeiro/natural*[4], ou *não-pertencente/pertencente*. Na ilustração a seguir, observa-se a projeção da categoria tímica sobre as dêixis do quadrado semiótico:

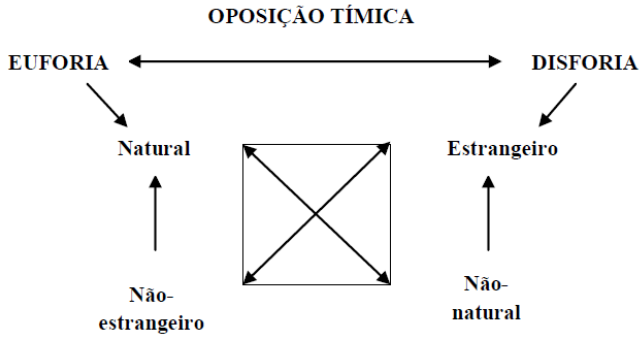


Fig. 2: Axiologização de uma categoria

[4] O termo *natural*, da mesma forma que o termo *estrangeiro*, não se refere necessariamente à nacionalidade. Refere-se, sim, à relação que um sujeito estabelece com as configurações socioculturais tomadas como padrão; isto é, se as características da alteridade colocam o sujeito (o dessemelhante) em uma posição de conjunção (o sujeito é, então, considerado *natural* ou *pertencente*) ou de disjunção (sujeito *estrangeiro* ou *não-pertencente*) com as configurações desta mesmidade.

É importante salientar que se pode reconhecer no quadrado semiótico uma dêixis chamada *positiva* (S_1, Não-S_2) e outra chamada *negativa* (S_2 e Não-S_1), sem, no entanto, que esses qualificativos comportem um investimento axiológico, o qual "só aparece depois da projeção, no quadrado semiótico, da categoria tímica *euforia/disforia*" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 120). É a partir dessa projeção que a categoria tímica provocará a valorização – positiva e/ou negativa – de cada um dos termos da estrutura elementar da significação.

No esquema esboçado, nota-se que o termo *natural* está posto, no quadrado, em relação com um valor positivo, enquanto o termo *estrangeiro* está em relação com um valor negativo. As categorias semânticas são, portanto, axiologizadas de modo que ser *natural*, isto é, estar em conjunção (total ou parcial) com as premissas tomadas como universais por um Eu, assume um caráter *eufórico*, ao passo que ser *estrangeiro* (ou melhor, ser rotulado como o estrangeiro) é investido de um caráter *disfórico*. É importante lembrar que tais valorizações positivas e/ou negativas atribuídas às posições do quadrado semiótico – isto é, a axiologização das posições do quadrado – passam, antes de qualquer coisa, por um corpo. Tal fato caracteriza a chamada essência *proprioceptiva* da categoria tímica, sobre a qual Greimas (1979, p. 9, *apud* Barros, 2001, p. 24) esclarece:

> Trata-se de uma categoria "primitiva", dita também proprioceptiva, com a qual se procura formular, muito sumariamente, o modo como todo ser vivo, inscrito em um contexto, "se sente" e reage a seu meio, considerado o ser vivo como "um sistema de atrações e repulsões".

A *proprioceptividade* diz respeito à posição que o sujeito da percepção assume no mundo (à posição de seu *corpo próprio*). Dessa maneira, vê-se que os juízos de valor e as consequentes atribuições semânticas que um sujeito reserva ao seu Outro em momentos de interação estão intimamente ligados à percepção que ele constrói de seu próprio corpo; uma percepção que é influenciada pelas configurações e práticas que compõem o ambiente que o cerca, e a qual é expressa na categoria tímica.

Agora, voltando à axiologização das categorias *natural/estrangeiro*, não se trata simplesmente de *ser* natural, ou de *ser* estrangeiro. Afinal, para que seja "permitido" ao dessemelhante entrar em conjunção (seja ela total ou parcial) com as práticas de uma suposta mesmidade, basta que ele *pareça*; basta a ele suprimir – em maior ou menor grau – certas características, certas "esquisitices", que possam marcá-lo mais fortemente como a alteridade e as quais o levam a ser marcado como um *estrangeiro*.

Recorrendo à questão da *veridicção*, tão bem formulada por Julien Algirdas Greimas, pode-se compreender melhor esse ponto, já que especificamente o *quadrado da veridicção* oferece as ferramentas para a análise do tema do *ser* e do *parecer*.

O quadrado da veridicção ilustra o(s) contrato(s) que se estabelece(m) entre sujeitos no decorrer da interação. Trata-se, com efeito, da representação do jogo da verdade que se instaura inevitavelmente entre enunciador e enunciatário: o *crer-verdadeiro* do enunciador (nesse caso do Eu, do Nós) não basta por si só para levar o enunciatário a aceitar o contrato proposto; é preciso que esse *crer-verdadeiro* instaure-se em ambas as extremidades da comunicação. É isso, justamente, o que acontece na relação entre o Um e o Outro, entre o "mesmo" e o dessemelhante. Ao propor um contrato para que seu dessemelhante se molde, em diferentes escalas, a suas premissas, o Eu busca fazê-lo *crer*, *querer* e/ou *dever*: *crer* que a melhor opção é entrar em conjunção com as configurações culturais ditas universais, e *querer* ou *dever* se moldar a uma mesmidade.

É possível observar esse aspecto no quadrado que segue:

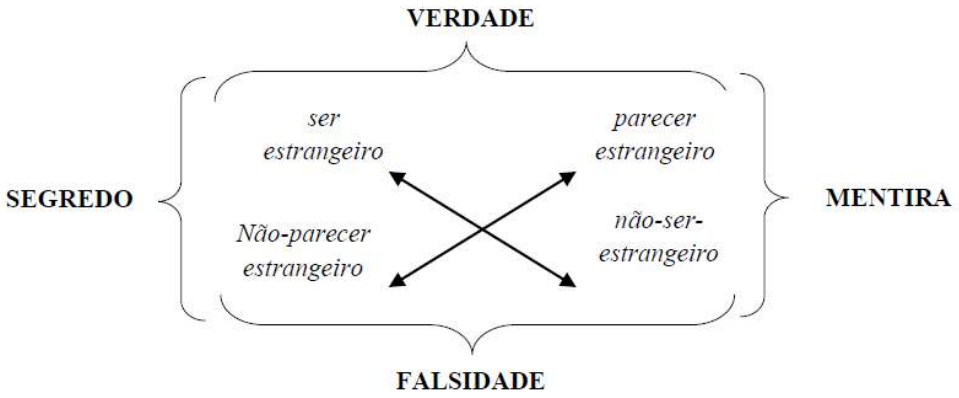


Fig. 3: Quadrado da veridicção

Na ilustração, vê-se que o encontro das categorias ser e não-parecer estrangeiro é definido como segredo, ao passo que a combinação das categorias parecer e não-ser estrangeiro é considerada uma mentira. Ao mesmo tempo, a ligação das categorias ser e parecer estrangeiro coloca-se como uma verdade, enquanto a união entre não-parecer e não-ser estrangeiro é denominada falsidade. Logo, nota-se que tanto as dêixis do eixo dos subcontrários (não-parecer estrangeiro e não-ser estrangeiro) como as duas dêixis laterais que caracterizam o segredo (ser-estrangeiro e não-parecer-estrangeiro) assumem um valor positivo aos olhos do grupo de referência, afinal, como foi dito anteriormente, para pertencer a uma mesmidade basta parecer natural – ou, ao menos, não-parecer estrangeiro.

Considerações

> Aquilo que designamos por identidade (ou seja, a afirmação do mesmo) não pode senão ser interidentidade (ou seja, a pergunta pelo mesmo) (RAMALHO; RIBEIRO, 2001, p. 12).

Nota-se que as diferenças que marcam a alteridade e que constituem a *tão desagradável* heterogeneidade – à qual o grupo dominante, por vezes, se opõe – ganham existência, ironicamente, graças ao próprio grupo dominante. Esse *Nós* produz socialmente disparidades de toda ordem, ancorado em uma hierarquização de valores a qual ele próprio constrói e que lhe servem de ancoragem para o reconhecimento do Outro (e, por consequência, de si).

A discussão aqui desenvolvida acerca dos possíveis percursos da relação entre o Um e o Outro serve para ilustrar como a diferença é semioticamente construída a partir da incessante atribuição de valores semânticos ao Outro, uma atribuição que constrói, assim, a figura do dessemelhante, do *estrangeiro*. São esses mesmos valores que organizam o discurso deste sujeito (o *Nós*, o *Um*) que adere tão fortemente às configurações de seu próprio grupo; um discurso que é, muitas vezes, perpassado por práticas de intolerância e preconceito.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal.* São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem.* 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do Discurso:* Fundamentos semióticos. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas:* Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

COURTÉS, Joseph; GREIMAS, Algirdas Julien. *Dicionário de semiótica.* São Paulo: Editora Contexto, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro:* Ensaios de sociossemiótica. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LIMBERTI, Rita de Cássia Pacheco. A identidade em situação de contato intercultural. *Raído*, Dourados, MS, v. 2, n. 4, p. 9-20, jul./dez. 2008.

_____. *Discurso indígena:* Aculturação e polifonia. Dourados, MS: UFGD, 2009.

RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, António Souza (orgs.). *Entre ser e estar:* Raízes, percursos e discursos da identidade. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza. Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade. In: RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, António Souza (orgs.). *Entre ser e estar:* Raízes, percursos e discursos da identidade. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

VOLLI, Ugo. *Manual de semiótica.* Trad. de Silva Debetto C. Reis. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

[i] E–mail das autoras: bi_desi@hotmail.com; ritalimberti@ufgd.edu.br